



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Panamá**

**Cidade do Panamá - Panamá, 10 de agosto de 2007**

**Jornalista:** Presidente, ainda sobre as visitas que o senhor fez. A Nicarágua, por exemplo, foi mais especial para o senhor do ponto de vista do saudosismo, do companheiro que o senhor conheceu desde os anos 80 e agora volta em outra situação?

**Presidente:** Veja, do ponto de vista da relação do Estado brasileiro, não tem emoção, tem é relação de Estado para Estado. Do ponto de vista da relação pessoal, eu tenho amizade pessoal com o Daniel Ortega desde 1979, portanto, estamos com quase 30 anos de relação de amizade, desde quando ele fez a Revolução, quando governou, depois quando foi oposição, e agora que voltou a ser governo. Ou seja, antes de sermos presidente da Nicarágua e presidente do Brasil, nós somos amigos.

Agora, quando você viaja para fazer relação de Estado, não é uma ação entre amigos, é uma ação entre o Estado brasileiro e o Estado nicaragüense. É assim que a gente trata os assuntos, ou seja, não é possível você ter política diferente para uma pessoa que é sua amiga e para uma pessoa que é chefe de Estado, mas com quem você não tem amizade. Você trata os dois em igualdade de condições.

Quando eu saio para viajar, eu não saio como a figura do Lula, eu saio como chefe de Estado brasileiro, para fazer negócios como chefe de Estado brasileiro.

**Jornalista:** Presidente, aqui no Panamá já está em andamento e vai ser aberta uma licitação gigantesca, com obras, talvez as maiores do mundo, neste



momento, para ampliação do Canal. Há representantes de grandes empreiteiras brasileiras acompanhando essa delegação. O senhor chegou a conversar sobre esse assunto com o presidente Torrijos? E qual foi a tônica da conversa, nesse sentido, para o Brasil participar dessas obras?

**Presidente:** Veja, há muito tempo que o presidente Torrijos tem demonstrado interesse na participação das empresas brasileiras no processo de licitação das obras do Canal do Panamá. Ele conhece a qualidade da engenharia brasileira, ele conhece a qualidade das obras que as empresas de construção civil do Brasil fazem. Portanto, deve ter muitas empresas de vários países do mundo, há vários consórcios montados e, certamente, o Brasil disputa isso com boa possibilidade de ganhar a sua participação.

O Brasil já tem aqui um conjunto de quase 500 milhões de obras na área da construção civil e, certamente, nós temos chance de ganhar. Mas é uma licitação, vamos ter que esperar abrir os envelopes para saber quem é que vai ganhar.

**Jornalista:** O senhor não conversou com o (...).

**Presidente:** Conversamos, mas você conversa sobre um conjunto de investimentos que o Brasil pode fazer num país. Aqui, o Brasil pode ter uma política extraordinária para desidratar o etanol e exportar o etanol para os países asiáticos, para exportar para os Estados Unidos; aqui, é possível construir um alcoolduto ligando as duas pontas do Canal; aqui, tem muitas obras de estradas feitas por nós; eles têm interesse em aumentar os vôos para o Brasil, e têm interesse em comprar aviões da Embraer. Ou seja, há uma gama de negócios extraordinária que o Brasil pode fazer com o Panamá e isso aqui pode ser uma espécie de um centro de exportação de produtos brasileiros para outros países.



O que eu acho importante e, lamentavelmente, nem sempre essa dimensão aparece, é que eu tentei dar o exemplo de que uma viagem presidencial é quase uma viagem de prospecção, ou seja, você vai, as pessoas se conhecem, levanta-se os temas, discute-se o nichos de oportunidade de cada país e a partir daí nós esperamos que a iniciativa privada vá atrás para tentar fazer negócios. É por isso que nós fazemos questão de fazer viagem levando agrupamento de empresários. Eu tenho ponderado que, de preferência, os empresários cheguem antes, conversem antes, para que esse entrelaçamento entre os empresários brasileiros e os empresários dos países que nós visitamos possa ajudar que o Brasil exporte produtos ou exporte serviços mas que, também, o Brasil conheça a possibilidade de importação dos outros países, porque uma boa política externa na área comercial é uma via de duas mãos, você compra e você vende, você não pode ter um desequilíbrio muito grande na balança comercial com os países.

Vocês devem ter notado, nesta viagem, que tem um problema energético no ar, que todos os países têm problema energético. Ora, o problema energético só terá solução com medidas estruturantes, ou seja, você pode resolver. Vocês viram os problemas de Honduras, vocês viram os problemas da Nicarágua. O que acontece? Tem um potencial de construção de hidrelétricas extraordinário e, se houver uma boa política de financiamento do Brasil, pode ser construído, com a engenharia brasileira. E isso significa exportação de serviços para os países da América Central. Eu volto para o Brasil com muito otimismo. Eu volto para o Brasil com a certeza de que demos um passo extraordinário, até porque vocês perceberam que, em muitos países, é a primeira vez, em 500 anos, que um presidente do Brasil faz uma visita. Isso porque havia uma mentalidade de cabeça colonizada: nós temos que conversar apenas com os grandes, nós temos que conversar apenas com os ricos, como se nós não tivéssemos possibilidade de fazer negócios com países de economia menor.



E, como vocês são muito jovens ainda, quando eu terminar o meu mandato, vou convidar vocês para fazer a viagem comigo, para ver o que aconteceu nesses países, nesses quatro anos. Peguem os dados de hoje e vamos ver o que vai acontecer daqui a três anos. Eu não tenho dúvida nenhuma...

**Jornalista:** Eu vou cobrar.

**Presidente:** Eu vou cobrar de vocês.

**Jornalista:** Já mudou nesses quatro anos.

**Presidente:** Eu vou cobrar de vocês, podem ficar certos de que sou eu que vou cobrar.

**Jornalista:** Presidente, sobre esse assunto, a gente percebeu, com muita clareza, que há um voto de natureza ideológica em relação aos biocombustíveis. Isso ficou muito claro na Nicarágua, o senhor já enfrentou ali a oposição (inaudível) do Daniel Ortega, quando ele começou o discurso dele. Eu queria saber se depois desse périplo todo o senhor acha (inaudível) é comercial, cultural ou é mesmo a alta do dólar?

**Presidente:** Aliás, eu fiz questão de dizer na frente da imprensa, para Daniel Ortega e para os outros, que a questão dos biocombustíveis e de qualquer outra política não é uma questão ideológica. É uma questão de saber se o país precisa ou não precisa, se tem potencial ou não tem potencial. Ora, se um país não precisa, não o faça. Ninguém está obrigando ninguém a utilizar a política do etanol ou do biodiesel porque o Brasil quer, é um problema de cada país. Isso nós respeitamos. Agora, o que eu acho importante é que esses países



reflitam de que forma nós vamos contribuir para diminuir a emissão de gases de efeito estufa no Planeta. O que as pessoas precisam discutir é, se o país não tem petróleo, se o país não tem gás, que tipo de energia ele vai produzir. Em algum momento, eles vão discutir isso. E eu não tenho dúvida nenhuma de que os biocombustíveis são uma saída, não apenas para um país que tenha a quantidade extraordinária de terras agricultáveis como tem o Brasil, mas ele é uma saída para outros países pobres da América Latina e para países do continente africano. Obviamente que eu não espero que a Suíça vá plantar cana, não espero que a Alemanha plante cana mas, onde for possível, eu acho que as pessoas vão chegar à conclusão, é uma questão de tempo. Se eu estivesse discutindo com vocês há dois anos, todos vocês perguntariam assim para mim: “Presidente, o senhor acha que é possível exportar álcool para os Estados Unidos, o senhor acha que é possível isso?” Vocês participaram comigo da inauguração de uma planta de desidratação de álcool brasileiro para ir para os Estados Unidos. Aqui, vocês vão presenciar acordos entre os empresários, com outra planta de desidratação de álcool para os Estados Unidos. E obviamente que vai haver um momento em que os Estados Unidos vão chegar à conclusão de que não possível continuar produzindo etanol de milho, porque é verdade que pode encarecer a carne, pode encarecer produtos que dependem do milho. Países da América Central, como o México, em que a tortilla faz parte da merenda escolar...

Então, nós não queremos ficar brigando com ninguém. Nós não queremos convencer o Bush disso, nós queremos que os fatos convençam o presidente Bush e outros países de que a gente pode produzir etanol de cana por menos da metade do preço do que ele produz do milho. Então, ele nos vende o milho para engordar nossas galinhas e nós vendemos o álcool para engordar os carros deles. É essa boa troca que nós queremos fazer e não queremos brigar. Não daremos palpite sobre a política americana de biocombustível, é um problema deles.



Eu só quero dizer o seguinte: cada país é soberano. Se alguém, amanhã, inventar de produzir etanol de unha, que o faça. O Brasil está apenas apresentando a sua proposta de produzir etanol de belíssima qualidade, com grande produção por hectare, menos poluente e, ainda mais, com uma política extraordinária de seqüestro de carbono, que é o que o mundo deseja.

**Jornalista:** Ontem o senhor criticou os seus antecessores a respeito da política sobre o etanol, e o ex-presidente Fernando Henrique rebateu as...

**Presidente:** Eu não queria falar sobre isso porque, primeiro, mentiu quem disse que eu falei do Fernando Henrique Cardoso. A palavra correta é a seguinte: mentiu quem disse que eu citei o nome do Fernando Henrique Cardoso, ontem, na entrevista. Eu citei períodos.

**Jornalista:** O senhor falou de governos anteriores, governo anterior.

**Presidente:** Pois é, eu poderia ter pego o Geisel, poderia ter pego o Collor, poderia ter pego o Itamar, poderia ter pego o Sarney. Ontem, eu contei uma história de como aconteceu a política de etanol no Brasil. Se alguém mentiu, arque com as conseqüências da sua mentira. Não está na minha boca o nome de nenhum presidente da República, não citei nenhum nome, nem de presidente, nem de ministro e nem período. Eu citei a história da construção da política do Proálcool no Brasil e fui muito claro. Até porque eu disse para vocês durante a campanha: eu não tenho nenhum interesse, nem eleitoral, nem político de ficar citando o nome que vocês acabaram de citar porque eu, agora, tenho que comparar o Lula com o Lula e não o Lula com os outros. Me desculpem.

**Jornalista:** Presidente, ainda sobre o etanol. Na verdade, o presidente Chávez



tem-se colocado, de forma muito contundente, contra a sua política de etanol. O senhor acha que isso é em função de uma disputa política pela liderança na América Latina, contra o senhor? Inclusive tem feito nessa viagem (inaudível) não sei se o senhor sabe, percorrido outros países para, entre aspas, vender petróleo e tudo mais.

**Presidente:** Deixem-me dizer uma coisa para vocês. O presidente Chávez é comprador de etanol do Brasil. Vou repetir: o presidente Chávez é comprador de etanol do Brasil. Agora, qual é o problema? É que a Venezuela tem petróleo demais. Então, obviamente que o Chávez pode ter uma política de maior flexibilidade nos seus acordos de petróleo do que o Brasil que, embora produza 2 milhões de barris/dia, consome tudo o que produz. Nós não temos petróleo de sobra, pelo contrário, ainda importamos petróleo leve para misturar ao nosso petróleo mais pesado.

Tem uma coisa que vocês vão perceber: cada país é soberano para adotar a política que melhor entende. Eu não tenho como oferecer petróleo a ninguém, porque nós não temos petróleo de sobra. Eu tenho que oferecer álcool. Agora, como o álcool não é do Estado, eu não posso dá-lo, eu tenho que vendê-lo. É assim que nós agimos. Eu, toda vez que viajo, viajo como representante do Brasil para fazer acordos naquilo que for possível fazer. Cada país é soberano para ter a sua decisão política, cada país faz aquilo que pode fazer. Nós temos uma relação com a Venezuela muito exitosa, temos acordo entre Petrobras e PDVSA, muito exitoso. Agora mesmo, no começo de setembro, vamos começar a terraplanagem da refinaria de Pernambuco, onde somos sócios.

**Jornalista:** “Isso é uma vergonha” (inaudível)

**Presidente:** Eu não sei se ele disse, eu li a matéria, eu não sei se ele disse ou



alguém escreveu por ele. Me desculpem, mas eu estou ficando esperto para saber distinguir quando tem um pouco de má fé e quando não tem. Ele é nosso parceiro naquele negócio, da mesma forma que nós somos parceiros da PDVSA em um projeto no Orinoco, e vamos continuar. É importante saber que o Brasil tem alguns bilhões de investimentos na Venezuela, queremos fazer mais, queremos ter mais parcerias, queremos ter mais acordos comerciais. É assim que nós vamos fazer o fortalecimento da integração da América do Sul, sem dar palpites nas decisões soberanas de cada país. Cada presidente, em nome de seu país, faça o que bem entender, que nós aguardamos com muita alegria.

O Presidente acaba de chegar, eu peço desculpas...